

Encontro de Cecília Meireles com a terra portuguesa

Luísa Mota

Ligada a Portugal pela ascendência familiar, a escritora brasileira Cecília Meireles viria a reforçar os laços de sangue pelo casamento com o pintor Fernando Correia Dias e pela amizade que a ligaria a inúmeros portugueses de várias áreas da cultura, nomeadamente da literatura.

A presença em solo luso dar-lhe-ia a oportunidade de confirmar as suas expectativas em relação a um país que amava à distância. Sobre Portugal e os portugueses incidem algumas das suas crónicas de viagem, testemunhos na primeira pessoa desse encontro luso-brasileiro e a confirmação de que, para Cecília Meireles, a distância geográfica que separa Portugal e Brasil facilmente se anula perante a força dos laços culturais e históricos.

Já na sua infância, os ecos da cultura portuguesa se faziam sentir na presença de sua avó materna, Jacinta Garcia Benevides. Órfã de pai à nascença e privada do afago maternal desde os três anos de idade, seria a avó o elo de ligação a Portugal e em particular aos Açores, de onde era descendente a família materna. Antes de visitar o arquipélago, já se ligara a ele sentimentalmente, tendo aprofundado essa ligação pela longa correspondência com Armando Côrtes-Rodrigues, que havia de a incentivar a visitar a ilha de São Miguel. Pelo círculo das suas amizades passaram outros ilustres portugueses como Maria Helena Vieira da Silva, José Osório de Oliveira e Raquel Bastos, sua esposa, Diogo de Macedo, José Bruges, Luís de

Montalvor, Maria Valupi, Carlos Queirós, Alberto de Serpa, Vitorino Nemésio, Fernanda de Castro, Leitão de Barros, Jaime Cortesão, entre outros, aos quais dedicou alguns dos seus poemas. Os "amigos portugueses" foram homenageados com a dedicatória genérica da obra *Viagem*, 1.º Prémio de Poesia da Academia Brasileira de Letras, em 1938, e, nalguns casos, com poemas desse e de outros livros. Com eles, manteve correspondência regular, praticando um intercâmbio cultural que sempre defendeu, cultivou e incentivou. Em 1944 publicou a obra *Poetas Novos de Portugal* com o objectivo de, como afirma, dar a conhecer aos brasileiros a "obra de grandes poetas recentes e actuais". Cecília Meireles colaborou em inúmeras revistas portuguesas, entre as quais a *Atlântico* e a *Insulana*, a primeira órgão fundamental de aproximação cultural e literária entre o Brasil e Portugal e a segunda directamente relacionada com os Açores! Esta colaboração em publicações portuguesas, aliada ao facto de autores como Ruy Galvão de Carvalho, Bettencourt Rebelo, Vitorino Nemésio, Cunha Leão, João de Barros, João Gaspar Simões e José Osório de Oliveira terem prestado em texto a sua homenagem à grande poetisa brasileira, indicia o reconhecimento do seu mérito em terras lusas.

Cecília Meireles esteve pela primeira vez em Portugal em 1934 para participar em Congressos nas Universidades de Lisboa e Coimbra,

¹ Segundo Daniel Pires, Cecília Meireles teria colaborado nas revistas *Aventura*, *Colóquio-Letras* (post-mortem), *Diabo*, *Fradique*, *Itinerário*, *Ler*, *Lusitana*, *Ocidente*, *Pensamento*, *Presença*, *Quatro Ventos*, *Revista de Portugal*, *Serpente e Tábua Redonda*, geralmente como poetisa (vide Daniel Pires, *Dicionário das Revistas Literárias Portuguesas do Século XX*, Lisboa, Contexto Editora, 1986).

tendo-se deslocado a outros locais, como Moledo da Penajóia (de onde era natural seu marido), Lamego e Nazaré.² Nessa altura, esteve em contacto com vários escritores, nomeadamente Fernando Pessoa (amigo de Correia Dias, seu marido), que viria a considerar “o caso mais extraordinário das letras portuguesas”.³ Voltaria a Portugal dezassete anos mais tarde, em 1951, depois de uma passagem por França - Paris (onde residia temporariamente a sua filha mais velha, Maria Fernanda) e Holanda. Seria esse o ano da primeira e única visita à querida ilha de São Miguel e ao amigo Armando Côrtes-Rodrigues, com quem se correspondia desde 1946.⁴ Em 1953, na companhia de seu segundo marido, Heitor Grilo, esteve em Portugal pela última vez. Permaneceu no país durante algum tempo e visitou cidades como Porto, Viana do Castelo, Caminha, Valença, Braga, Guarda e Leiria. Para grande tristeza sua, não mais voltaria aos Açores.

Os testemunhos mais fiéis da sua passagem por Portugal são, para além das cartas da época, das notícias na imprensa e das fotografias, as crónicas de viagem que publicou em vários jornais e revistas brasileiros. Algumas das composições que figuram na obra *Poemas de Viagens* - “Brisa da beira do Minho” e “Queluz”,⁵ entre outras -, remetem também para Portugal e denunciam a impressão que certos locais causaram na mulher e na poetisa. Um total de cento e noventa e seis crónicas recolhidas em três volumes por Leodegário A. de Azevedo Filho referem-se às viagens da escritora pela Índia, Itália, Holanda, Argentina, etc. Onze são sobre as viagens a Portugal e provam a simpatia e o interesse que Cecília tinha pelo país e pela sua cultura, sentimentos naturalmente suscitados pela sua ascendência familiar mas que a ultrapassam.

Portugal é percebido como o país que oferece “a mais terna paisagem da Europa. A mais amorosa. A mais comovente, talvez”.⁶ Para além das paisagens, Cecília Meireles destaca a qualidade das pousadas, da gastronomia, que permite seduzir o viajante com algumas “bruxarias culinárias”, enfim, de tudo aquilo que pode fascinar o turista. Segundo Cecília Meireles, os portugueses fazem um

bom aproveitamento das potencialidades turísticas do seu país, ao contrário dos brasileiros. Não obstante, os portugueses pecam por demasiada exigência burocrática, nomeadamente ao nível dos serviços fronteiriços. E é com ironia que Cecília Meireles se refere à obrigatoriedade de os turistas fazerem prova da vacina contra a febre amarela para poderem entrar em Portugal: “Em vão, o grande Osvaldo Cruz mandou policiar as águas, em vão os mata-mosquitos percorrem os nossos quintais, espiando caixas, virando latas, vigiando cada rego, cada tanque, matando os inocentes peixinhos dos nossos aquários com suas drogas fulminantes. Em vão, exterminamos os nossos mosquitos: Portugal precisa ver por escrito que estamos vacinados contra a febre amarela...”.⁷ Também as actividades de vistoria e inspecção nas alfândegas são objecto de crítica, tanto mais eficaz quanto irónica: “Parece-me, às vezes, que esses senhores que ofendem as nossas malas e as nossas pessoas com a sua desconfiança - e alguns com o seu sarcasmo - devem ser escolhidos em concursos de grande interesse público”.⁸ As escassas referências negativas a Portugal, com recurso à ironia, típica da crónica carioca,⁹ acabam por sublinhar os aspectos positivos e denunciar a predisposição favorável de Cecília em relação a Portugal: “Creio que nos submetemos à vacina só por amor a Portugal”.¹⁰ Debruçando-se sobre a psicologia do português, Cecília tece considerações sobre a importância do fado e a sua influência no temperamento deste povo. Segundo a cronista, o fado funciona como uma espécie de sublimação das angústias e tristezas: “O português é uma criatura de muita paixão. Um amoroso, um ciumento. O fado deve resolver certas situações psicológicas”,¹¹ ou seja, terá uma funcionalidade catártica, quase terapêutica. Cecília mostra-se particularmente atenta à sensibilidade dos portugueses, ao destacar, de passagem por Celorico da Beira, a figura de um empregado de café que “tem seu ar de poeta, - coisa, aliás, não muito difícil de encontrar por estes caminhos peninsulares”.¹² Não deixa também de notar a relação dos

² A permanência ou passagem por estes locais deprecia-se da leitura das cartas enviadas ao poeta açoriano Armando Côrtes-Rodrigues, vide Celestino Sachtel (org. e notas), *A Luz da Pessoa - Cartas de Cecília Meireles a Armando Côrtes-Rodrigues*, Ponta Delgada, Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1998.

³ In prefácio a *Poemas de Viagens*, Rio de Janeiro, Edições Dois Mundos, 1944.

⁴ Na realidade, Armando Côrtes-Rodrigues terá escrito a primeira carta a Cecília Meireles ainda no ano de 1945. Em carta datada de 30 de Dezembro de 1946, Cecília Meireles escreve: “Lembra-se que comecei a escrever-me no Natal do ano passado?” in Celestino Sachtel, *op. cit.*, p. 81. De acordo com a compilação de Celestino Sachtel, a primeira carta da escritora data de 29 de Janeiro de 1946.

⁵ Cecília Meireles, *Poemas de Viagens* (1940-1962), *Poemas Italianos* (1953-1956), *O Estudante Empédocles* (1959-1964), in *Poemas Completos de Cecília Meireles*, volume IX, Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, (2.ª edição), 1979, pp. 37 e 38, respectivamente.

⁶ Cecília Meireles, *Crônicas de Viagem*, vol. I, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1998, p. 274.

⁷ *Idem*, p. 243.

⁸ Cecília Meireles, *Crônicas de Viagem*, vol. III, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1999, p. 239.

⁹ “Não só os mais brilhantes cronistas estão vinculados ao Rio, como também seus comentários reflectem a implicante *malícia*, de mistura com solidária sentimentalidade e irónico cepticismo que têm sido associados com o carioca.” in Gerald M. Moser, “The ‘Crônicas’: A New Genre in Brazilian Literature? - Studies in Short Fiction”, New Berry, Carolina do Sul (E.U.A.), vol. VIII, n.º 1, 1971, p. 221, citado por Massaud Moisés, *A Criação Literária, Prova II*, São Paulo, 15.ª edição (de orden) revista e actualizada, Cultrix, 1994 (1.ª ed. 1967), p. 103.

¹⁰ *Crônicas de Viagem*, vol. I, p. 243.

¹¹ *Crônicas de Viagem*, vol. III, p. 92.

¹² *Idem*, p. 97.

portugueses com o mar e o modo como continuam a aventurar-se por terras distantes. Por várias vezes menciona a questão da emigração para o Brasil que, desde a segunda metade do séc. XIX, se tornou muito sensível e que afectou não só alguns dos seus ascendentes, mas também o seu primeiro marido. A escritora destaca os “olhos navegadores” característicos dos portugueses, que, na sua perspectiva, demonstram ainda capacidade de sacrifício para enfrentar adversidades de aquém e de além-mar. Este voluntarismo continua visível nos gestos e atitudes do dia-a-dia: na crónica «O miraculado», destaca a acção de um jovem paralítico que, servindo-se “daquela fúria lusitana já conhecida de espanhóis e mouros”¹⁵ defende um velhinho de um ataque feroz e covarde. A questão do conflito entre o Bem e o Mal é também equacionada e relaciona-se directamente com a religiosidade do povo português, que a escritora tem a oportunidade de observar nos peregrinos em Fátima.

Mas foi na cidade de Lisboa que, nas viagens que fez a Portugal, Cecília se fixou. Não admira, por isso, que lhe tenha dedicado mais crónicas: «Evocação lírica de Lisboa», «Quem não viu Lisboa», «Lisboa, em Junho...», «O passeio inatural», e ainda, embora não exclusivamente sobre a cidade, «Viajar I» e «Até Lisboa». Lisboa encantou-a à distância, quando ainda a sobrevoava: “Difícilmente, outro aeroporto poderá oferecer mais agradável paisagem que este, de Lisboa (...) onde tudo se dispõe com tão envolvente poesia”.¹¹ “Com a mesma cor discreta das tapeçarias, com a graça da perspectiva medieval que o avião oferece, Lisboa docemente apresenta suas colinas, suas verduras, seus telhados minuciosamente desenhados, seu rio com muitas embarcações, fiel à memória das antigas gravuras”¹⁵. Na crónica «O passeio inatural» a cronista confessa que prefere contemplar a cidade do alto, na sua globalidade: “as coisas melhores do mundo estão sempre num plano mais alto, como sabiamente o acreditavam aqueles que outrora escolhiam para o seu culto o cimo dos montes”¹⁶. Talvez daí advinha o gosto por locais como a Senhora do Monte, a ermida de São Gens e o castelo de São Jorge, que lhe

permitem uma visão panorâmica da cidade e do rio. Lisboa, rodeada pelo mar, é um espaço em que “a saudade marinha vive minando tudo”. Metaforicamente, é ainda e sempre “um caramujo de outros tempos”, um “caramujo enrodilhado, que vai ficando cintilante, poliédrico, de ouro, de vidro, de límpido e húmido azulejo. É um caramujo quieto”!¹⁷ mas que vive um dinamismo subsidiário da interligação da cidade com o seu rio, que continua a atrair os visitantes. Cecília prefere ignorar os percursos turísticos convencionais e deslocar-se pela praça do mercado, por vielas sujas onde vivem lisboetas pobres, por praças escondidas, e pelos típicos cafés dos poetas, onde também ela se sentaria para esperar Fernando Pessoa. Os locais são normalmente referidos em termos genéricos e agrupados por categorias: os palácios, as igrejas, os museus, as ruas novas e praças movimentadas ou, em oposição, as ruas sujas e negras. Na crónica «Lisboa, em Junho...», Cecília destaca alguns pormenores, mas, ao contrário do que se verifica em «O passeio Inatural», não os particulariza: “Eu gosto é dos chafarizes, dos lampiões, de certas perspectivas, de certas portas, de certas pedras.”¹⁸ Ainda em «Evocação lírica de Lisboa», refere alguns monumentos, mas não os identifica: a “torre mergulhada na água”, ou seja, a Torre de Belém e “um mosteiro”. Neste caso, o grau de indefinição intensifica-se, mas facilmente se conclui que se tratará do Mosteiro dos Jerónimos. A esta ausência de referencialidade directa não será alheio o facto de se tratar de uma evocação e de a primeira recordação da escritora ser a de uma “cidade de brumas”, o que sugere um ambiente de indefinição e mistério. Não obstante, Lisboa é retratada como uma cidade de contrastes, “muito antiga e muito actual”: por um lado, a velha Lisboa, por que se sente mais atraída e, por outro, a Lisboa dos bairros modernos. Também as vielas antigas, estreitas e escuras contrastam com as avenidas recentes, largas e movimentadas; as mulheres tristes perdidas na noite diferem das “belas mulheres caprichosas” que frequentam os teatros, tal como as casas pobres e sujas se distinguem dos palácios. A cronista não se limita a uma descrição visual da cidade, antes se

¹¹ *Idem.*, p. 105.

¹² *Crónicas de Viagem*, vol. I, p. 271

¹³ *Ibidem.*

¹⁴ *Crónicas de Viagem*, vol. III, p. 99.

¹⁵ *Crónicas de Viagem*, vol. I, p. 231.

¹⁶ *Crónicas de Viagem*, vol. III, p. 93.

deixa conduzir pelas suas sensações olfactivas - o cheiro da água em toda a parte -, auditivas - as regateiras com suas vozes de pregão, as varinas que passam - e gustativas - os pastéis tradicionais, os doces de ovos do Chiado ou, em alternativa, a sardinha acompanhada por um copo de vinho. E compreende-se que a cronista sinta, como confessa, "vontade de partir para tornar a voltar..."¹⁹

Destacando aspectos sobre a morfologia e o estilo de vida na cidade, Cecília dá-nos uma imagem global de Lisboa na primeira metade do século XX: uma cidade que continua a viver de uma relação íntima com o rio e o mar que asseguram a sobrevivência de muitos, como o confirma a presença das varinas e das "grandes barcas briosas que vão para a pesca";²⁰ uma cidade que esconde silêncios, fantasmas e boatos do passado, numa alusão subtil à política ditatorial que naturalmente se fazia sentir na capital portuguesa de modo particularmente intenso; mas simultaneamente uma cidade que vai crescendo "com janelas sobre janelas, como, outrora, azulejo sobre azulejo, tudo muito clarinho, muito inocente, muito festivo, azul, cor-de-rosa, amarelo, verde, branco...";²¹ uma cidade que, em Junho, se transforma devido às festas populares; uma cidade que desperta a sensibilidade de fadistas e poetas e à qual a escritora naturalmente não consegue resistir. Deixa-se enlevar por uma cidade que em «Viajar I» define como "esquina da Europa, onde o Tejo e o céu brincam de jogar faíscas de ouro um para o outro"²² garantindo ao leitor: "Ficas apenas extasiado".²³ O encantamento que a cidade de Lisboa parece exercer sobre a escritora não anula o sentido crítico que lhe é tão peculiar e que sempre acompanhou o seu percurso académico e jornalístico. Não deixa de criticar a tendência para valorizar o que é estrangeiro na construção de palácios recentes, com laivos de "estrangeirismo alardear falsidades" em detrimento da autenticidade e da identidade lusas;²⁴

Uma das cidades portuguesas que impressionou Cecília pela sua autenticidade foi a cidade do Porto, que visitou em 1954, e que é inicialmente descrita por comparação a Lisboa. As primeiras impressões da

cronista são a de uma cidade dura, enérgica e poderosa, ao contrário da capital: "A cidade do Porto não tem, aos meus olhos, essas doçuras límpidas de Lisboa. Não é tanto uma aquarela, de suaves manchas nacaradas - mas uma gravura enérgica, no ímpeto de suas ladeiras, na dureza das suas pedras. Nem o Douro é, como o Tejo, rio de ninfas douradas, mas um caminho de água, poderoso e activo, todo rastreado pela mastreação dos barcos e pelas sombras do trabalho humano".²⁵ A primeira referência é à cidade na sua globalidade, depois ao rio e finalmente às ruas de traçado difícil e tão sinuoso que parecem ter vida própria. Serão essas as ruas que irão ser percorridas à procura das origens de Tomás António Gonzaga, o escritor que foi morrer em África, acusado de participar na Inconfidência Mineira, cujo percurso Cecília imortalizou em 1953 nas páginas do *Romanceiro da Inconfidência*, ao evocar "uma história / de sonho, amor, prisões, sequestros, / degredos, morte, acabamento...".²⁶ Por causa do escritor, a atitude de Cecília Meireles perante esta cidade em particular é diferente: "Que venho fazer nesta cidade, de paisagem um pouco turbulenta, e por que procuro não aquelas vistas que, de outras vezes, têm sido o meu enlevo?".²⁷ A resposta surge no próprio texto: a lembrança de Gonzaga "é tão forte que se impõe à beleza do caminho".²⁸ No trajecto percorrido, não há referências a locais específicos, exceptuando Miragaia, a freguesia onde nasceu o escritor. Menciona apenas a existência de "lugares rústicos", de "bairros que não parecem de hoje, mas livres do tempo, resguardando na sua antiguidade cenários que buscamos, figuras que estão para sempre vivas e presentes",²⁹ como é o caso do escritor. A percepção da cidade do Porto é, portanto, condicionada pelo desejo que Cecília tem de encontrar um local específico: a casa onde viveu Gonzaga, e pelas emoções que esse encontro suscita. O Porto, para ela, é acima de tudo a cidade "cujo nome ficaria assinalando esta casa, entre todas as casas deste bairro, nesta cidade, neste país... Neste país, apenas? Oh, não - na Europa, na América e na África!"³⁰ A sua admiração pelo escritor injustiçado origina uma hipervalorização da casa, o único espaço que a cronista descreve

¹⁹ *Crônicas de Viagem*, vol. I, p. 238.

²⁰ *Idem*, p. 232.

²¹ *Crônicas de Viagem*, vol. III, p. 92.

²² *Crônicas de Viagem*, vol. I, p. 244.

²³ *Idem*, p. 238.

²⁴ *Idem*, p. 234.

²⁵ Cecília Meireles, *Crônicas de Viagem*, vol. II, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1999, p. 179.

²⁶ Cecília Meireles, *Romanceiro da Inconfidência*, in *Postas Completas de Cecília Meireles*, vol. V, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1979, p. 140.

²⁷ *Crônicas de Viagem*, vol. II, p. 179.

²⁸ *Ibidem*.

²⁹ *Idem*, p. 180.

³⁰ *Idem*, p. 181.

em pormenor: "A casa é alta, de dois andares, sobre os grossos arcos seculares. Alta e estreita, branca e azulada, com vidraças de muitos recortes. Feminina e graciosa".⁴¹ E sobrevive ainda, tal como a memória de Gonzaga, que Cecília, a pretexto da visita à sua casa no Porto, homenageia.

Cecília Meireles conheceu diversas cidades portuguesas, algumas apenas de passagem, outras mais intensa e demoradamente. Muitas a encantaram, não só pela beleza, mas também pela força dos seus topónimos. Este é, aliás, um dos aspectos que a escritora aprecia no país: "Portugal está bordado de palavras surpreendentes"⁴² e repleto de lugares de sonho. De um modo geral, destaca os monumentos mais conhecidos, os ex-libris de cada cidade: em Coimbra, a Universidade, em Leiria, o castelo, em Alcobaça, o mosteiro. A sua visão dos lugares surge normalmente associada a figuras do passado. Num dos percursos efectuados em Portugal, da Guarda até Lisboa, Cecília Meireles recorda D. Sancho, o fundador da cidade da Guarda que dizem "forte e feia, fria [o que a cronista contesta] e farta".⁴³ De passagem por Coimbra, "uma velha gravura, que nos parecerá um pouco modernizada",⁴⁴ recorda a "que depois de ser morta foi rainha", e o pinhal de Leiria transporta-a ao tempo de D. Dinis, das pastoras e dos cantares de amigo. Do mesmo modo, em Sintra recorda a Marquesa de Santos e D. Pedro e em Lisboa a rainha D. Maria I, confessando que "o passado é um lugar de respeito e mistério".⁴⁵ Por vezes, o passado surge envolto em saudade. Na crónica sugestivamente intitulada «Encontros», a escritora dá conta de uns dias passados em Moledo da Penajóia, na região do Douro, e refere as saudades que sentia do seu país ao ouvir os rapazes e raparigas cantarem cantigas de roda muito próximas das brasileiras: "Seria impossível transcrever aqui todas as trovas recolhidas na Penajóia que

possuem correspondente no Brasil",⁴⁶ pelo que regista algumas quadras que permitem confirmar as semelhanças e aproximações entre as literaturas populares portuguesa e brasileira, matéria pela qual a escritora sempre demonstrou interesse.⁴⁷

As crónicas de viagens assumem-se, assim, como o modo de perpetuar o diálogo luso-brasileiro que a escritora sempre defendeu. Em Portugal, Cecília Meireles vem encontrar os trilhos de um passado comum, a "herança lírica de tantas gerações"⁴⁸ que um dia atravessou o Atlântico e foi renascer no Brasil. Mas Cecília Meireles parece vir encontrar também o reconhecimento e o preenchimento de uma portugalidade intuída desde cedo. Nesse sentido, poder-se-á falar não apenas de um encontro mas de um reencontro com uma terra por si amada, desejada e idealizada. As crónicas de viagem sobre Portugal revelam uma relação forte e cordial, ao mesmo tempo que dão do país, das suas paisagens e dos portugueses uma imagem muito positiva. Talvez a sua imparcialidade estivesse comprometida por uma certa "lusitanidade visceral" de que fala J. de Almeida Pavão⁴⁹ e pelo modo como os portugueses a recebiam: "De um modo geral, os portugueses me tratam melhor que os brasileiros", admite em carta a Armando Côrtes-Rodrigues.⁵⁰ O Portugal das crónicas revela-se, pois, uma terra de paisagens belas e convidativas, mas, acima de tudo, uma terra de afectos, o que leva a cronista a concluir: "Além das famosas areias de ouro, Portugal possui três coisas muito amáveis: os nossos amigos, a paisagem e as criaturas simples".⁵¹ E se é verdade, como afirma Cecília Meireles, que "nunca perdemos o que amamos, pois o eternizamos em nós"⁵², é também certo que foi porque a escritora registou as suas impressões em crónicas que podemos hoje, cerca de meio século depois, testemunhar o seu encontro (feliz) com a terra portuguesa.

⁴⁰ *Idem*.

⁴¹ *Crónicas de Viagem*, vol. III, p. 96.

⁴² *Idem*, p. 95.

⁴³ *Idem*, p. 97.

⁴⁴ *Idem*, p. 102.

⁴⁵ *Crónicas de Viagem*, vol. I, p. 57.

⁴⁶ Em Portugal, recolheu informações sobre cantigas e quadras do início do século XIX que passaram com maior ou menor fidelidade para o folclore gaúcho, como se depreende da crónica «Lisboa, em Junho...». As alterações provinham, por vezes, do facto de as composições serem consideradas indecorosas, como acontecia com a "cantiga do Negro Melro". Cecília Meireles destaca a composição de sete quadras relativa à "Maria Cachucha", que lhe é familiar, salientando que apenas uma das quadras era conhecida das crianças do seu tempo: "Maria Cachucha, com quem dormes tu? Eu dumo sozinha, sem medo nenhum" (*Crónicas de Viagem*, vol. III, pp. 90, 91). A propósito do "Pezinho", referido no livro *História do Fado* de Pinto de Carvalho, 1905, Cecília Meireles menciona que tem conhecimento de quatro versões açorianas e de algumas adaptações existentes no Brasil, o que comprova a transferência e consequentes alterações na passagem das composições populares para o Brasil.

⁴⁷ *Crónicas de Viagem*, vol. I, p. 57.

⁴⁸ J. de Almeida Pavão, «O portuguesismo de Cecília Meireles e os Açores», in Celestino Sachet, *op. cit.*, p. 312.

⁴⁹ Carta datada de 15 de Julho de 1946; vide Celestino Sachet, *op. cit.*, p. 30.

⁵⁰ *Crónicas de Viagem*, vol. III, p. 98.

⁵¹ Carta de 27 de Agosto de 1956, enviada a Armando Côrtes-Rodrigues; vide Celestino Sachet, *op. cit.*, p. 222.

